

Clube rejeita proposta do Brasil e acordo é adiado

Ministro da Economia acredita num acerto ainda esta semana

REALI JÚNIOR

Correspondente

PARIS — A não-aceitação de alguns pontos da proposta brasileira por parte dos credores impediu ontem a conclusão do acordo da renegociação da dívida do País com o Clube de Paris. Com isso, a entrevista com o presidente do Banco Central e chefe da delegação do Brasil, Francisco Gros, marcada para meio-dia, para anunciar os resultados da negociação, foi simplesmente cancelada pela embaixada brasileira.

Gros não quis fazer nenhuma previsão sobre a data de assinatura do acordo final com o Clube. Ao falar rapidamente com os jornalistas no final da tarde, quando a reunião foi interrompida para o jantar, o presidente do BC disse apenas que esse é um problema muito delicado e que depende muito mais dos credores. Como se trata de negociação consensual, disse, basta que uma das 12 delegações envolvidas levante uma dúvida para atrasar todo o processo. O encontro de ontem deveria prosseguir durante a noite, sem hora para terminar.

As discussões com os credores ainda se encontram numa fase mais de conceitos e menos de detalhes técnicos, disse Gros. O principal objetivo do governo brasileiro é obter um acordo compatível com o programa de ajustamento do Fundo Monetário Internacional (FMI) e com o acordo que está sendo negociado com os bancos privados. Se admitir concessões importantes aos credores públicos, pode prejudicar o acerto com os bancos comerciais. Na reunião com o Clube de Paris, Gros admitiu que o País possuía em dezembro US\$ 9,5 bilhões de reservas, mas alguns credores estão convencidos de que elas já

alcançam US\$ 11 bilhões.

É esse difícil equilíbrio entre as duas negociações que Gros está procurando preservar. O problema dos pagamentos ao Clube de Paris da parte que vence este ano e em 1993, já reescalada em 1988, existe, mas é visto como um detalhe técnico. Até agora, o presidente do BC tem se preocupado mais em debater a questão conceitual, cuja solução poderá facilitar o acerto de aspectos dessa natureza.

Dificuldades — Em Brasília, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, admitiu ontem haver dificuldades nas negociações com o Clube de

Paris, mas afastou a hipótese de rejeição da proposta brasileira. "Não há rejeição nem temos conhecimento de resistência específica de países", insistiu. Ele aposta em um acordo até o final da semana.

Pelas condições atuais, somados os atrasados mais a dívida a vencer até o próximo ano, o governo precisaria dispor de US\$ 13,5 bilhões. "Nós teríamos que fazer pagamentos mais pesados nesses próximos dois anos, exatamente no momento crítico, crucial do plano de estabilização", comentou o ministro. Segundo ele, a consolidação da economia só será alcançada "na virada de 1992 para 1993".